

Qual é o seu inferno?

AUTOR

Luiz Ernani Fritoli – Doutor e Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP), Graduação em Letras Inglês, Letras Português, Letras Italiano todos pela UFPR, professor da Universidade Federal do Paraná em Língua italiana, didática da língua italiana, italianística, literatura italiana e didática do ensino de língua estrangeira moderna.

Quase todas as culturas têm uma ideia de “inferno” ou algo equivalente, um lugar ao qual são destinadas as almas daqueles que foram “maus” durante a vida terrena. Pode ser um lugar de castigo e sofrimento eterno, um lugar de angústia e perdição, de esquecimento e isolamento, de consciência sem esperança. Ou pelo menos um lugar em que não se sofre, mas também não se é feliz. Pode ser eterno ou temporário, aguardando um retorno ou a aniquilação final: nova chance, ou tornar-se nada...

Há muitas concepções e inúmeras representações do que poderia ser entendido com o conceito “inferno”. Mesmo para aqueles que não acreditam que haja algo após esta vida. Calvino, um dos maiores escritores do século passado, ateu declarado, tem um ponto de vista interessante, que aparece no parágrafo final de seu “romance” As cidades invisíveis:

“O inferno dos vivos não é algo que virá a ser; se existe, é algo que já está aqui, o inferno que vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Há dois modos de não sofrê-lo. O primeiro é fácil para muitos: aceitar o inferno e tornar-se parte dele a ponto de não vê-lo mais. O segundo é arriscado e exige atenção e aprendizagem contínuas: procurar e saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e fazê-lo durar, e lhe dar espaço.”

Mas para a maior parte das culturas ocidentais há uma crença – ou, ao menos, uma sugestão de crença – em um lugar, que pode ser “físico” ou “virtual-espiritual”, que se encaixa em alguma das ideias e representações do Inferno. Mas de onde vem essa ideia? Da Bíblia, responderiam muitos; sim e não, pois na Bíblia não se caracteriza o inferno diretamente. Há sim várias menções a um lugar onde haveria “choro e ranger de dentes”, “um lago que arde com fogo e enxofre”, “lugar de tormentos”, “lugar de vergonha e desprezo eternos”, e tantas outras menções rápidas, mas nenhuma que dê a dimensão que o

lugar-comum “inferno” evoca como imagem nas nossas mentes. Mas também as culturas mais antigas, sobretudo Egito e Grécia, e mais tarde Roma, contribuíram para consolidar o conceito.

Muitos também são os nomes para descrever esse lugar ou entrelugar: Hades, Averno, Geena, Sheol, Tártaro, Ínfero, Submundo, Xibalba, Mictlan... cada um deles com suas características “físicas” e psicológicas, cada um com sua concepção de sofrimento ou esquecimento, consciência ou inconsciência, autoanálise, melancólica sala de espera.

Mas uma é a característica que une todos esses elementos: a crença em algo após esta vida, e, portanto, via de regra, uma certa religiosidade. Que pode não ser ligada a nenhuma religião “oficial”, mas tão somente uma crença individual que assume forma na consciência do indivíduo.

Fogo, chibatas e tridentes

Mas de onde vêm as imagens mais comuns que a maioria das pessoas evoca quando se fala em Inferno? Fogo para todo lado, gritos, dor, torturas, sofrimento, demônios chi-frudos, com caudas pontiagudas, dentes enormes e garras afiadas, criaturas feias e ferozes que chicoteiam as almas e as espetam com tridentes...

Grande parte dessas imagens foram consolidadas na obra poética de Dante Alighieri, A Divina Comédia, escrita entre 1304 e 1321, aproximadamente. Dante imagina fazer uma viagem pelos três reinos do além, Inferno, Purgatório e Paraíso, na semana santa do ano de 1300. Embora suas descrições do Purgatório e do Paraíso sejam absolutamente geniais, é a representação do Inferno a que se fixou com a força da tradição ao longo dos séculos. Até hoje as representações literárias e pictóricas devem muito à criação de Dante. É certo que já na sua época havia representações de lugares infernais, de diabos feios e agressivos, dos castigos e torturas infligidos às almas danadas, mas nada antes (e provavelmente nada depois) chegou à grandeza e à organização estrutural, moral e física do Inferno de Dante. O poeta italiano (“florentino de nascimento, não de costumes”, diz, criticando a degradação de sua cidade natal, Florença) reúne, organiza e inventa muitos dos elementos que hoje são lugares-comuns da cultura ocidental na representação do Inferno.

Mas o Inferno de Dante é muito mais do que fogo eterno: há almas imersas em pântanos, cozinhando num rio de sangue fervente, sendo abatidos por uma chuva de granizo, chafurdando em um charco de fezes, cortadas por espadas, mergulhadas em piche fervente, destroçadas por Cérbero (o cão de 3 cabeças), congeladas, mastigadas pelo próprio Lúcifer, e muito mais.

As principais características do Inferno são justamente o sofrimento incessante, eterno, e a falta de esperança. “Deixai toda esperança, vós que entraís!” (Inf, III, 9) é o aviso de más-vindas lapidado sobre a porta do Inferno. Nesse lugar não pode haver esperança, nenhum sentimento bom pode sobreviver; não há generosidade, não há piedade, não há a possibilidade de voltar atrás e se arrepender. Quem entra não sai. Exceto Dante.

Dante personagem, uma espécie de avatar de Dante autor, guiado pelo poeta latino Virgílio, autor da Eneida, entra no Inferno, para começar sua jornada. Deve descer pelo In-

ferno, até o centro da Terra, depois subir em direção à montanha do Purgatório e, finalmente, em companhia da alma de sua musa terrena e eterna, Beatriz, subirá ao Paraíso. Nessa viagem metafísica descreverá lugares e personagens dos três reinos do Além, condenando e salvando ricos e pobres, amigos e inimigos, almas antigas e recentes, com a imparcialidade que sua cultura e tempo permitem.

Sendo o primeiro “reino” visitado, o Inferno é permeado de explicações que norteiam o leitor sobre o universo imaginado por Dante. Mas como é, onde é o Inferno? Dante o imagina como uma grande cavidade que se abre em forma de cone, sob a cidade de Jerusalém, aprofundando-se até o centro da Terra. No centro exato do planeta está o próprio Lúcifer, congelado para todo o sempre.

O Inferno é dividido em 10 partes, dez círculos concêntricos, em que são punidas as almas dos pecadores. Quanto mais baixo se desce, menor é a dimensão do círculo e mais cruel o castigo. Há uma correspondência entre a estrutura física e o ordenamento moral cristão elaborado por São Tomás de Aquino, baseado na Ética, de Aristóteles; os pecados são subdivididos em três grandes grupos: incontinência, violência e fraude.

A Incontinência é a incapacidade de resistir aos próprios impulsos, e pode se tornar luxúria, gula, avareza e ira; a Violência é a ação deliberada que visa causar o mal ao próximo, e pode se manifestar como violência contra si mesmo, contra o próximo, contra Deus, Natureza e Arte (“Arte” entendida como atividade intelectualmente elaborada, incluindo o trabalho); e a Fraude é ação premeditada para causar mal aos outros, e pode se subdividir em fraude comum, contra quem não confia no fraudador, e traição, contra quem confia. A traição é o pior dos pecados, e o pior pecador da história da humanidade é Judas Isca-



riotes – mastigado eternamente por uma das três bocas de Lúcifer. As duas outras bocas mastigam Cássio e Bruto, traidores de Júlio César, ou seja, traidores da autoridade política, necessária para garantir condições sociais para o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas.

Ao mesmo tempo divina e comédia

O objetivo de Dante ao escrever a Divina Comédia é “retirar os homens do estado de pecado e conduzi-los ao estado de felicidade”, ou seja, alertar a todos sobre o estado de perdição moral (ele mesmo entra no Inferno por estar “perdido”) e a possibilidade de resgate. Essa justificativa, declarada pelo próprio poeta, parece dar o tom aulico, clássico à obra. Mas quem a lê logo no início se dá conta de que é uma obra múltipla, polifônica, ao mesmo tempo “divina” e “comédia”, que sobrevive até os dias

do hoje porque trata do que é essencialmente humano – e, portanto, atemporal.

Não é preciso acreditar naquilo que acredita o poeta florentino para se aprofundar nas reflexões metafísicas de que trata a obra; não é preciso ser religioso para estabelecer infinitas relações entre os temas discutidos por Dante e os temas que nos afligem hoje; não é preciso conhecer a fundo história, mitologia, filosofia, teologia, ciências, como o autor conhece, para entender o sentido geral de seu discurso. Pois mais do que uma enciclopédia dos saberes medievais – o que não deixa de ser – a Divina Comédia é uma profunda reflexão sobre o sentido da existência humana. Os valores discutidos por Dante são valores universais e atemporais. Podemos concordar ou discordar de suas opiniões, convicções, conceitos e preconceitos, inseridos na cultura de seu tempo; mas uma coisa é certa: ao ler a obra não podemos

ficar indiferentes. Pois seria até aceitável ficar indiferentes ao seu tempo, mas não é decente ficarmos indiferentes ao nosso. Aos indiferentes Dante reserva uma sorte muito particular: os chamados ignavos, covardes, que nunca tomaram partido, que sempre ficaram em cima do muro, com medo de viver plenamente, estão no Ante-Inferno, ou Vestíbulo; não foram bons o suficiente para serem aceitos no Paraíso, mas tampouco foram maus o bastante para serem condenados ao Inferno. São desprezados eternamente.

E você, qual é o seu Inferno?

